

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DAS EXPERIÊNCIAS CONSTRUÍDAS NA DOCÊNCIA

Iure Coutre Gurgel¹

RESUMO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa sobre as contribuições do Estágio Supervisionado na Educação Infantil desenvolvido numa escola de educação infantil na cidade de Patu/RN. Nosso objetivo é refletir sobre as aprendizagens construídas ao longo de desenvolvimento do estágio na educação infantil por dois acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. As bases teórico-metodológicas envolveram: leituras de textos de teóricos como: Josso (2004), Libâneo (2004), Gomes (2009) Pimenta (2004, 2006; 2009), entre outros. A metodologia caracterizou-se pela história oral nos fundamentando através das narrativas (auto)biográficas. Os resultados apontam que houveram aprendizagens significativas por parte dos sujeitos da pesquisa, onde estes passaram a reconhecer a importância da relação teoria-prática para o desenvolvimento da docência em sala de aula. Contudo, acreditamos ser imprescindível darmos voz e vez aos estudantes que vivenciam a experiência do estágio, como meio de experienciarem as teorias vividas na academia e relacionarem com a prática em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado. Narrativas Autobiográficas. Processo de ensino-aprendizagem.

INICIANDO NOSSA CONVERSA...

A sociedade atual caracteriza-se pela velocidade de informações que são disseminadas diariamente, bem como pelos avanços científico-tecnológicos que afetam diretamente a área da educação. Nesse sentido, a educação hoje, tem uma amplitude de sentidos e relações culturais interligando as vivências sociais entre os sujeitos. Então, nos questionamos: Como a educação pode contribuir para o desenvolvimento do ser humano?

¹ Professor Auxiliar da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, Campus Avançado de Patu-CAP, lotado no Departamento de Educação.

Saviani destaca que:

[...] o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 1997, p.17).

Assim, como a educação contribui para o desenvolvimento sócio-cultural dos sujeitos, destacamos que o estágio supervisionado também tem grandes contribuições para o crescimento do graduando, haja visto que é através das experiências construídas ao longo das observações e do período da regência que o estagiário vai construindo sua prática docente e sua identidade.

O movimento de ir à escola campo de estágio, retornar para a Universidade, debater sobre as questões observadas, tem o propósito de ampliar as ações do futuro professor e criar condições para o desenvolvimento de um trabalho com qualidade. Em outras palavras, um trabalho voltado para as máximas apropriações humanas, para a cultura elaborada, para a transmissão de conteúdos historicamente produzidos. Espera-se que nossos estagiários encontrem no campo de estágio a possibilidade de ampliarem as ações com os alunos, mediados pelos conteúdos estudados na graduação.

Porém, como professor supervisor de estágio, pude verificar através dos depoimentos de alguns estagiários que existiam escolas que possuíam propostas descontextualizadas, empobrecidas, sem intencionalidade clara de onde se pretende chegar. Atividades estas, observadas por nossos estagiários, e que precisariam de intervenções e adaptações, evitando dessa forma, a repetição de um modelo que considera o aluno como incapaz de fazer, de criar e de inventar e reinventar.

Diante de tais proposições, nos questionamos: como o estágio pode contribuir para o desenvolvimento da formação docente do pedagogo? Para responder a essa indagação apresentamos as narrativas (auto)biográficas de dois estagiários do curso de Pedagogia do Campus Avançado de Patu da Universidade do Estado do Rio Grande do

Norte-UERN, onde os mesmos relatarão algumas experiências construídas durante o período do estágio Supervisionado na Educação Infantil.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Este trabalho tem como objetivo destacar a relevância do estágio em educação infantil para uma formação da identidade do Pedagogo, pois como ressalta Ostetto (2000) é possível fazer desse um momento de encontro entre alunos em formação e professores que estão atuando e, no processo, experimentam uma verdadeira formação em serviço. Para essa autora é fundamental conhecer o cotidiano das escolas infantis no sentido de buscar o diálogo e a compreensão dos inúmeros desafios impostos frente a complexidade na organização do trabalho pedagógico do professor.

O estágio sempre foi visto para alguns alunos como o período em que vão estabelecer relações entre a teoria vista na universidade com a prática vivida na escola. Para alguns estagiários significa se espelhar no modelo do professor coordenador da sala e, assim, buscar desenvolver a metodologia que o mesmo vinha desenvolvendo, para não destruir o trabalho que já vinha sendo realizado. Não concordamos com um formato de estágio pautado na “imitação de modelos”, na repetição de práticas descontextualizadas e muitas vezes sem sentido tanto para o educando como para o educador, como apontam Pimenta e Lima (2004,p. 36). Segundo as autoras:

O estágio, nessa perspectiva, reduz-se a observar os professores em aula e imitar os modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa. Assim, a observação, se limita à sala de aula, sem análise do contexto escolar, e espera-se do estagiário a elaboração e execução de “aulas-modelo”.

Essas “aulas-modelo” como destacam as autoras, não tem o objetivo de contribuir para o processo formativo do pedagogo e, sim, só servem para serem desenvolvidas naquele dia, para cumprir uma mera burocracia do estágio. Não defendemos um estágio pautado neste tipo de modelo, acreditamos sim, num estágio que possibilita ao pedagogo vivenciar inúmeras situações e a partir destas, procurar

organizar o seu trabalho buscando atender as reais necessidades focadas durante o período de observação em sala de aula.

É salutar destacar que reconhecemos ser importante que o estagiário tenha a oportunidade de se inserir na realidade social de uma escola, vivenciar uma observação participante que vai além de relatar o que o professor fez em sala de aula, mas interagir com as crianças e com o processo de ensino e aprendizagem. Aproveitar também a oportunidade para questionar, problematizar, compreender a dinâmica do dia a dia escolar, pesquisando, planejando e desenvolvendo atividades com sentido e significado. Concordamos com Gomes (2009, p.75) quando defende que:

Ao observar a prática de um educador, invariavelmente diferente de um lugar para outro, por exemplo, o estagiário precisa ter condições de apreender a(s) teoria(s) que a sustenta(m) e poder realizar uma leitura pedagógica para além do senso comum, tendo como base teorias e fundamentos estudados e confrontados com as situações da prática profissional para a produção de alternativas e de novos conhecimentos. Estamos referindo-nos às práxis, à capacidade de articular dialeticamente o saber teórico e o saber prático.

Nesse sentido, construir esses aprendizados nos estagiários é tarefa do professor supervisor de estágio, que busca refletir conjuntamente com os estudantes afim, de problematizarem, buscarem soluções para alguns problemas detectados e assim, procurar articular conhecimentos teóricos voltados para a ampliação das práticas vividas diariamente na escola.

A construção dessa prática não se dá somente pelo conhecimento de teorias estudadas na academia e, sim, através da reflexão sobre a ação, do repensar contínuo sobre a prática, de forma estruturada e aprimorada. Para Libâneo (2004, p.137) a necessidade da reflexão sobre a prática ocorre:

[...] a partir da apropriação de teorias como marco para as melhorias das práticas de ensino, em que o professor é ajudado a compreender o seu próprio pensamento, a refletir de modo crítico sobre sua prática e, também, a aprimorar seu modo de agir, seu saber-fazer, à medida que internaliza novos instrumentos de ação.

Corroborando com essa afirmação, acreditamos que somente a teoria não será capaz de subsidiar uma ação mais intencional por parte dos estagiários em parceria com seus professores supervisores, é preciso uma relação dialógica entre estagiários e

professor supervisor com o objetivo de refletirem sobre as ações vivenciadas na escola, ampliando dessa forma as aprendizagens construídas na docência. Dessa forma, ressaltamos a necessidade de uma teoria que subsidie o fazer do professor, fazendo-o avançar de modo qualitativo em sua prática. Libâneo (2004, p.37) ressalta a importância da apropriação da teoria para se pensar a prática como sendo uma:

[...] necessidade da reflexão sobre a prática a partir da apropriação de teorias como marco para as melhorias das práticas de ensino, em que o professor é ajudado a compreender o seu próprio pensamento, a refletir de modo crítico sobre sua prática e, também, a aprimorar seu modo de agir, seu saber-fazer, à medida que internaliza novos instrumentos de ação.

É através dessa reflexão contínua sobre a prática que o estagiário vai paulatinamente construindo sua identidade docente. Dubar (1997) conceitua a identidade profissional como construções sociais que implicam interações entre trajetórias individuais e os sistemas de emprego, de trabalho e de formação. Para o autor, as identidades estão em movimento, e, por vezes forma uma “crise das identidades”. Pimenta (1997, p.42) ressalta:

Uma identidade profissional constrói-se com base na significação social da profissão; na revisão constante dos significados sociais da profissão; na revisão das tradições. Mas também na reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque são oriundas de saberes válidos às necessidades da realidade, do confronto entre as teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se também pelo significado que cada professor, como ator e autor, confere à atividade docente do seu cotidiano com base em seus valores, seu modo de situar-se no mundo, suas histórias de vida, suas representações, seus saberes, suas angústias e seus anseios.

Desse modo, a identidade profissional está intimamente ligada as nossas experiências construídas no dia a dia, nas relações estabelecidas no espaço escolar e nos momentos de diálogos, e, é a partir da construção das práticas pedagógicas que podemos desenvolver a auto avaliação do nosso trabalho, buscando dessa forma, melhorá-lo e reestruturá-lo cada vez mais.

EXPERIÊNCIAS CONSTRUÍDAS DURANTE O ESTÁGIO: NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS DOS ESTAGIÁRIOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.

Ao longo do processo de realização das atividades desenvolvidas durante o estágio supervisionado na Educação na Educação Infantil em uma creche, localizada na cidade de Patu/RN, destacamos através dos relatos orais dos estagiários inúmeras situações vividas e construídas com as crianças, o que de certa forma, enriquecia a construção da identidade docente e contribuía para o processo formativo e reflexivo dos graduandos.

Para tanto, optamos como metodologia a ser utilizada para a realização deste trabalho a metodologia da história oral nos fundamentando através das narrativas (auto)biográficas de dois estagiários da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte do campus Avançado de Patu- CAP/UERN, haja visto a importância de darmos voz e vez de narrarem suas experiências construídas ao longo do estágio.

No âmbito da abordagem qualitativa, a pesquisa (auto)biográfica ou narrativa (BRITO, 2007; BUENO, 2002; BUENO et al, 2006; CHENÉ, 1988; FERRAROTTI,1988; GALVÃO, 2005; JOSSO, 2007; 2004; PINEAU, 2006; REIS, 2008; SOUZA,2006a, 2006b etc.) compreende uma orientação teórico-metodológica sob a qual vem se desenvolvendo um método de investigação bastante fértil no campo das ciências sociais e humanas. Nesse contexto, as histórias de vida, biografias, autobiografias e narrativas individuais e coletivas vêm sendo utilizadas na pesquisa em educação enquanto processo de produção de conhecimento relativo à escola e ao ensino, à formação, ao trabalho docente e demais aspectos relacionados ao fenômeno educacional. Trata-se de uma tendência contemporânea, mas que, ao longo dos últimos trinta anos, desenvolveu uma teorização e um estatuto epistemológico próprio, configurando-se como um método científico autônomo e reconhecido no meio acadêmico.

Nesse sentido, a potencialidade das narrativas autobiográficas enquanto instrumento e procedimento de pesquisa está no fato que a história de vida de uma pessoa pode revelar muito além de simples acontecimentos, caracterizando-se como meio de apreensão e análise dos contextos, dimensões e implicações pessoais que constroem historicamente cada indivíduo na interface consigo mesmo, o outro e o mundo a sua volta, considerando que

todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal ou vertical, uma praxis humana. [...] toda a praxis humana individual é

atividade sintética, **totalização activa de todo um contexto social. Uma vida é uma praxis que se apropria das relações sociais** (as estruturas sociais), **interiorizando- as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua actividade desestruturante-reestruturante.** Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo o comportamento ou acto individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social. (FERRAROTTI, 1988, p. 26, grifo do autor).

Corroborando com as ideias de Ferrarotti (1988), acreditamos que o interesse pelas narrativas autobiográficas no meio científico é a expressão de um movimento social que trouxe a perspectiva dos sujeitos face às estruturas e aos sistemas, da qualidade face à quantidade, da vivência face ao instituído (NÓVOA, 2000). Dessa forma, a pesquisa baseada em narrativas autobiográficas afirma-se como possibilidade de tomar a experiência humana como objeto de conhecimento, passivo de mensuração, análise e interpretação. Logo, a pesquisa com narrativas autobiográficas tem um propósito fundamental, o de dar vez e voz à pessoa-sujeito da investigação e, desse modo, oportunizar -lhe aprender, crescer e se desenvolver a partir de suas experiências pessoais, profissionais, enfim, formativas, em um “processo de caminhar para si”, que se caracteriza

[...] como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p. 59).

É através dessas ideias de Josso (2004), que destacamos a importância das narrativas autobiográficas, onde reafirmamos que as narrativas possibilitam ao sujeito uma (re)construção ativa de sua história, tomando-o como protagonista desse percurso, além de valorizar toda a experiência de vida construída ao longo do tempo.

Para participar de nossa pesquisa escolhemos dois graduandos do curso de Pedagogia do CAP/UERN, que participaram da atividade de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, onde os denominaremos de P1 e P2. Inicialmente, questionamos aos graduandos sobre o que representaria em sua essência o estágio para a construção da prática docente. Os mesmos destacam que:

P1- O estágio para mim será um momento muito importante, pois como não exerço a docência, acredito que baseado na experiência das professoras, aprenderei bastante e melhorarei os meus conhecimentos.

P2-Destaco o estágio como um complemento dos conhecimentos construídos durante o curso, pois ainda não sou professor, mas como pretendo exercer o magistério, sinto que preciso me doar e aprender muito durante o período de realização desta atividade acadêmica.

Conforme as falas dos graduandos, fica nítido que embora ainda não exerçam a docência, mas, os mesmos tem muitas expectativas positivas em relação ao estágio, acreditando que este será um momento ímpar e de grandes contribuições para a construção da prática pedagógica .

Segundo Pimenta (2004, p.102) Os conhecimentos e as atividades que constituem a base formativa dos futuros professores, têm por finalidade, permitir que estes se apropriem de instrumentais teóricos e metodológicos para a compreensão da escola, dos sistemas de ensino e das políticas educacionais. Assim, na condição de aprendizes, formadores e formandos, transitarão dos espaços da universidade para a escola e da escola para a universidade.

Para Ibernón (2007, p.61) Os futuros professores e professoras também devem estar preparados para entender as transformações que vão surgindo nos diferentes campos e para ser receptivos e abertos a concepções pluralistas, capazes de adequar suas atuações às necessidades dos alunos e alunas em cada época e contexto.

Continuando nossas reflexões, perguntamos aos graduandos quais os possíveis desafios que estes poderiam encontrar em sala de aula durante o exercício do estágio. Os mesmos respondem que:

P1- Dentre algumas dificuldades, acredito que a maior é não fazer um planejamento que preencha o tempo todo e que sobre muito tempo e não tenhamos o que fazer. Aí me preocupo, porque criança ociosa não dá certo.

P2-O maior desafio que acho que posso encontrar é, como o estágio é na educação infantil, e tem crianças pequenas, aí, precise levá-la ao banheiro, dar banho, limpá-la, enfim, me preocupo mais com os cuidados higiênicos.

Dessa forma, fica evidente que para um estagiário a maior dificuldade relaciona-se ao planejamento que pode ser insuficiente para o tempo que ficam em sala, já o outro

destaca que são os cuidados que devem ter com as crianças, tendo em vista não ter esse hábito do cuidar na educação infantil.

Assim, percebemos que as relações estabelecidas entre as professoras titulares da sala juntamente com os estagiários serão de grande valia para que nessa troca recíproca de conhecimentos e experiências os estagiários adquiram saberes necessários a estruturar sua prática educativa em sala de aula.

A partir desse entendimento, o Estágio Supervisionado não se limita apenas ao fazer, ele objetiva a se constituir em uma atividade de reflexão que procura na teoria o suporte para suas ações, passando assim, a ter caráter “teórico prático, comportando a investigação, interpretação, intervenção e reflexão da realidade escolar” (PIMENTA, 2002, p.153).

Outro questionamento que consideramos salutar destacar foi quando indagamos aos graduandos sobre se haveria possibilidade para eles de unirem a teoria vista na academia com a prática em sala de aula. Os mesmos respondem que:

P1- Acho que em muitos momentos fica muito distante a teoria vista na Universidade com a prática construída em sala de aula, por muitas vezes não conseguirmos unir de forma clara os conhecimentos e, assim, impossibilita de fazermos um trabalho com qualidade.

P2- Acredito sim, nessa possível união teoria-prática, devido termos o embasamento teórico por pouco que seja, necessário para desenvolvermos um trabalho pedagógico focado na criança. Embora seja novo para nós, essa experiência do estágio, mas acredito que nos trará grandes contribuições para nos aperfeiçoarmos.

Conforme as falas dos alunos, observamos que para o primeiro estudante fica difícil unir teoria-prática devido as imprevistos diários surgidas no decorrer da aula, o que, segundo este aluno requer até mais atenção, praticidade, do que teoria. Já o segundo estudante afirma, ser possível sim, unir teoria-prática, que os saberes construídos na academia serão de suma importância para a formação da identidade e da prática pedagógica, até porque não existe teoria sem prática e vice-versa.

“A finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Esse deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade” (PIMENTA; GONÇALVES, 1990 *op. cit.* PIMENTA, 2004, p.45). Para as autoras, ao contrário do

que se pregava, o estágio não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente e remete ao aluno sentimentos diferenciados na expectativa do exercício da profissão.

Nesse sentido, o processo de ensino-aprendizagem é contínuo, conjunto e requer dos aprendizes reflexividade para que assim, o futuro professor possa reconhecer que ao ensinar também estará aprendendo com os estudantes, através das relações mútuas estabelecidas em sala de aula.

Daí a importância do estágio, pois, a sala de aula pode se tornar um lócus fértil de análises, trocas de experiências, práticas inovadoras ou conservadoras, mas, acima de tudo, vai proporcionar aos estagiários momentos de análise da teoria e da prática. (PIMENTA, 2004,p.154)

Por fim, é importante destacar que o momento do Estágio Supervisionado não resume-se simplesmente ao cumprimento de normas burocráticas da Universidade, e sim, esta atividade de observação in loco, de reflexão e do exercício da docência são situações enriquecedoras e significativas para a formação íntegra do pedagogo, tendo em vista ser a instituição de ensino um dos espaços de atuação deste profissional e que, desde cedo, o mesmo já tem a oportunidade de visitar e conhecer a realidade a qual irá fazer parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade do estágio possibilita grandes aprendizados para a formação de professores. O desafio que perpassa esta atividade não está apenas em o estagiário ir à escola campo de estágio e desenvolver as tarefas a serem efetivadas, mas, também é um desafio para os supervisores de estágio de irem à escola, de desenvolverem um trabalho que contribua de forma ampla para a construção da identidade profissional do estudante.

Acreditamos, sim, ser possível desenvolver um estágio que alie a relação teoria-prática, para que dessa forma, o trabalho seja significativo tanto para os estagiários, como para os educandos, professores das salas e para os professores supervisores de estágio. Dessa forma, acreditamos que as vozes, as narrativas construídas e alimentadas ao longo da experiência docente foram de grande importância para a solidificação deste trabalho.

Escutar o estagiário, suas narrativas, dificuldades e sonhos representam organizarmos um trabalho que favoreça e reconheça que aqueles sujeitos que vão para as salas de aula, são antes de tudo seres humanos, que acertam e erram, que necessitam do próximo para edificar seus sonhos e projetos.

Assim, concordamos com Souza (2006, p.101), quando evidencia que a narrativa (auto)biográfica, ou, mais especificamente, a narrativa de formação oferece um terreno de implicação e compreensão dos modos como se concebe o passado, o presente e, de forma singular, as dimensões experienciais da memória de escolarização. Entender as afinidades entre narrativas (auto)biográficas, o processo de formação e autoformação no contexto da formação inicial e do estágio supervisionado, a partir das trajetórias de escolarização, é fundamental para relacioná-las com os processos constituintes da aprendizagem docente.

Contudo, acreditamos que este trabalho contribuiu para que pudéssemos reconhecer a importância do curso de formação inicial e sua contribuição para a formação do sujeito, bem como, vemos ser necessário a necessidade do professor está constantemente estudando, refletindo sobre sua prática, enfim, melhorando sua ação didática, pois como destaca Charlot (2005, p. 76), “uma aprendizagem só é possível se for imbuída de desejo (consciente ou inconsciente) e se houver um envolvimento daquele que aprende”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHARLOT, Bernard. **Relação Com o Saber, Formação de Professores e Globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DUBAR, Claude. **A socialização: a construção das identidades sociais e profissionais**. Porto Alegre: Porto Alegre Editora, 1997. LIBÂNEO, José Carlos. **A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade**. Educar, Curitiba, n° 24, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

IMBERNÓN. Francisco. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. 6° ed. São Paulo: Cortez, 2006.

JOSSO, Marie Christine. **Da Formação do sujeito... ao sujeito da formação.** In: Nóvoa, António; Finger Mathias. O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1998.

_____. **Experiências de vida e formação.** Lisboa: Educa, 2002.

NÓVOA, António (org.). **Vida de professores.** Porto: Porto, 1995.

_____. **Profissão Professor.** Porto: Porto, 1995. PAIS. José Machado. **Vida Cotidiana: Enigmas e revelações.** São Paulo, Cortez, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **Didática como mediação na construção da identidade do professor: uma experiência de ensino e pesquisa na licenciatura.** In: ANDRÉ, Marli E. D. A.; OLIVEIRA, Maria Rita S. (Org). Alternativas do ensino de Didática. Campinas: Papirus, 1997, p. 37-70.

PIMENTA, Selma G, LIMA Maria S. Lucena. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência em formação, séries saberes pedagógicos).

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: Unidade teoria e prática?** 7º ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 6. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Tradução de Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEMÓTEO, Antonia Suelí da Silva Gomes. SILVA, Silvânia Lúcia de Araújo. **Estágio e Docência em Pedagogia: entrelaces de um mesmo fio Condutor.** Olinda: livro Rápido, 2012